


**SARAH
MACLEAN**

Autora Vencedora do Prémio RITA
Melhor Romance Histórico



ACORDO
com o
MARQUÊS

Ambos parecem caminhar para a ruína.
Será o amor capaz de mudar os seus destinos?



**TOP
SEL
LER**



— Eu jurei que não a deixaria morrer e pretendo manter a minha promessa. — A atenção dele concentrou-se no lugar onde os seus dedos passavam o mel, a ferida no ombro dela; a viscosidade do unguento não era nada comparada com a suavidade da pele dela.

Desejou que não fosse apenas o ombro. Desejou que fosse toda a pele dela, imaculada, bela, rosada, suave.

Ele tentou encontrar um assunto seguro — o destino deles. O destino dela.

— Está a planear abrir uma livraria. — Ela assentiu com a cabeça, num movimento forçado.

— Eu *vou* ter uma livraria.

Imaginou-a despenteada e coberta de pó, rodeada de livros, e gostou muito da ideia.

Ergueu a mão e observou-a a brilhar com o mel. Ela também o observou.

— Devia ir lavar-se — disse ela.

Pois devia. Mas, em vez disso, levou a mão à boca e lambeu o mel dos dedos, fitando-a.

Ela arregalou os olhos, mas não vacilou. Foi então que ele soube.

Se a beijasse, ela não o impediria.

E, se a beijasse, não pararia.



*Para o Dr. Howard Rüna
e para a mulher que ele ama.
Com infinita gratidão.*

Escândalos & CANALHAS

Vol. 1 / Edição 1 Domingo, 10 de junho de 1833



DIZEM POR AÍ que o conhecido eremita
Duque de Lyne tem os dias contados.

Uma fonte confidencial contou ao
Escândalos & Canalhas que o herdeiro
do duque (o MALANDRO e fascinante
«Canalha Real») foi convocado para ir
ao Norte encontrar-se com o seu frágil pai,
frente a frente, pela ÚLTIMA vez.

Será que Eversley conseguirá livrar-se
do aconchego e do calor da sua mais recente
e amorosa dama para correr para CASA?
Tudo indica que sim; afinal, aparentemente,
a palavra *herança* é melhor do que *namorada*.

MAIS NOTÍCIAS EM BREVE.

Capítulo 1



SOPHIE AFUNDA-SE NA SOCIEDADE

Londres

Junho de 1833

Se pelo menos a Condessa de Liverpool não admirasse tanto criaturas aquáticas, talvez as coisas se tivessem desenrolado de maneira diferente.

Talvez ninguém tivesse testemunhado os eventos do dia 13 de junho, a última e lendária festa ao ar livre da temporada de 1833. Talvez as pessoas de Londres se tivessem apenas enfiado alegremente em milhares de carruagens, que se espalhariam como insetos pelo interior da Inglaterra para viver o idílio do verão. Talvez...

Mas, um ano antes, a Condessa de Liverpool recebeu de presente meia dúzia de belos peixes brancos e cor de laranja que, disseram-lhe, descendiam em linha direta dos amados animais do xogum do Japão. Sophie, por seu lado, achou toda aquela história inacreditável, uma vez que o Japão vivia isolado do resto do mundo. Mas Lady Liverpool tinha um orgulho imenso nos seus peixes de estimação, e cuidava deles com uma paixão quase fanática. Seis transformaram-se em duas dúzias. O aquário enorme em que as criaturas foram entregues teve de ser trocado por um tanque, que só podia ser descrito como um lago em miniatura.

Os peixes interferiram tanto com a imaginação da condessa que a Festa de Verão dos Liverpool teve como tema, por mais estranho que pareça, a China, apesar de a condessa saber ainda menos da China do que do Japão. De facto, quando Lady Liverpool recebeu os convidados com o seu elaborado vestido diáfano de seda cor de laranja e branca — que obviamente pretendia evocar os seus queridos peixes —, ela explicou a confusão:

— É claro que ninguém sabe nada a respeito do Japão. É um lugar terrivelmente reservado, por isso não teria a menor graça ser usado como inspiração para a escolha de um tema. E a China fica logo ali ao lado... É praticamente a mesma coisa.

Quando Sophie explicou à condessa que, na verdade, não eram a mesma coisa, a condessa soltou um risinho e gesticulou com um braço repleto de barbatanas de seda.

— Não se aflija, Lady Sophie. Tenho a certeza de que a China também tem os seus peixes.

Sophie desviou o olhar para a mãe após aquela declaração de ignorância da condessa, mas não obteve apoio. Durante semanas, Sophie insistiu que China e Japão não eram a mesma coisa, mas ninguém estava disposto a ouvi-la — a mãe estava muito agradecida por ter sido convidada para uma festa com tantos pormenores complexos. As irmãs Talbot, afinal, eram especialistas em complexidade.

Elas, como toda a aristocracia, apresentaram-se a desfilar rendas e sedas vermelhas e douradas, com uns brocados mais intrincados do que os outros, e o visual encimado por chapéus ousados, que sem dúvida haviam mantido os chapeleiros de Londres a trabalhar dia e noite desde que os convites começaram a ser distribuídos.

Sophie, contudo, resistiu à insistência da mãe para que participasse daquela farsa e, para desgosto da família, foi à festa com um vestido comum amarelo-claro. E foi assim que, naquele lindo dia de meados de junho, Lady Liverpool ficou com pena da pobre e desinteressante Sophie — que não era a Talbot mais bonita, nem a mais interessante, nem a que melhor tocava piano — e sugeriu que a jovem «peixe fora d'água» pudesse gostar de conhecer peixes no seu próprio ambiente.

Sophie aceitou, contente, a oferta, grata por se distanciar da festa cheia de aristocratas sorridentes e críticos, que a evitavam, cuidadosamente, e à sua família. Não existe, afinal, olhar mais flagrante do que o que evita o seu objeto. O que é especialmente verdade quando os objetos em causa são tão difíceis de ignorar.

Os olhares perseguiam as jovens Talbot desde os seus debutes — cinco em quatro anos —, cada uma delas tornando-se menos bem-vinda na sociedade do que a outra, de modo que os convites foram escasseando com o passar dos anos.

Sophie sempre desejou que a mãe desistisse do sonho de transformar as filhas em estrelas da sociedade, mas isso nunca aconteceria. Consequentemente, lá estava Sophie, a esconder-se no jardim topiário da mansão dos Liverpool, enquanto fingia não ouvir os insultos sussurrados a respeito das irmãs — que, de tão regulares, já quase ninguém se preocupava em sussurrá-los.

Não era, portanto, pequeno o alívio de Sophie ao seguir as orientações da anfitriã até à famosa estufa dos Liverpool, enorme e fechada por vidros, com uma impressionante diversidade de plantas e isenta de coscuvilhices.

À procura do pequeno lago com os peixes, Sophie circulou por entre vasos de limoeiros e fetos impressionantes, até ouvir *aquela* som — uma espécie de grito, rítmico e perturbador, como se alguma criatura estivesse a ser torturada no meio dos rododendros. Como não era desprovida de consciência, e era evidente que a criatura precisava de auxílio, Sophie resolveu investigar. Infelizmente, quando percebeu a origem do barulho, ficou bem claro que a mulher não precisava de nenhum tipo de assistência.

Já estava a receber atenção suficiente... do cunhado de Sophie. É importante referir que a mulher *não era* a irmã de Sophie. Foi por isso que, recuperada do choque inicial, Sophie se achou perfeitamente no direito de interromper o casal.

— Sua Senhoria — disse sem nenhuma discrição e com a voz cheia de desprezo por aquele momento, por aquele homem e pelo mundo que lhe tinha dado tanto poder.

O casal congelou. Por trás do braço dele emergiu uma bela cabeça loira, com um chapéu de seda vermelha que mais parecia o telhado de um templo chinês, com borlas douradas penduradas nas várias pontas do acessório, que balançavam à altura das orelhas da mulher. Uns grandes olhos azuis pestanejaram.

Mas o Duque de Haven não se dignou a olhar para Sophie.

— Deixe-nos — ordenou apenas.

Não havia nada no mundo que Sophie odiasse mais do que a aristocracia.

— Sophie? — chamou uma voz atrás dela. — A mãe está à tua procura... apanhou o Capitão Culberth no campo de *croquet*, pobre homem, e, enquanto conversa, está constantemente a dar-lhe com aquele leque enorme que insistiu em trazer. Tens de ir salvar o coitado.

Sophie fechou os olhos ao ouvir aquelas palavras, a desejar que desaparecessem. A desejar que a pessoa que as pronunciava desaparecesse também. Girou o corpo para impedir o avanço da irmã.

— Não, Sera...

— Oh... — Seraphina, Duquesa de Haven, nascida Talbot, parou de súbito quando se virou para o corredor com as árvores nos vasos, deparando-se com a cena. As mãos pousaram-lhe na barriga, que começava a ficar saliente por carregar o futuro Duque de Haven. — Oh... — Sophie viu o choque faiscar nos olhos da irmã quando ela compreendeu o que se estava a passar, um choque que foi seguido de tristeza e de uma calma fria. — Oh... — repetiu a Duquesa de Haven.

O duque não se moveu. Não olhou para a mulher, mãe do seu futuro filho. Apenas agarrou aqueles caracóis loiros e repetiu com a boca na curva do pescoço da amante:

— Eu disse *deixe-nos*.

Sophie olhou para Seraphina, alta, forte e a esconder as emoções que devia estar a sentir. Não podia fazer nada a não ser sofrer com a irmã, mas desejou que Seraphina se manifestasse. Que assumisse uma posição. Pelo filho ainda por nascer.

Seraphina virou-se para o outro lado. Sophie não se conseguiu conter.

— Sera! Não vais dizer nada? — A mais velha das irmãs Talbot abanou a cabeça, e a resignação do movimento fez com que raiva e indignação borbulhassem em Sophie, que se virou para o cunhado. — Se ela não diz nada, *digo eu*. Você é nojento. Arrogante, detestável e repugnante! — O duque virou-se e fitou-a com desdém. — Quer que prossiga? — perguntou Sophie.

— Francamente! — Exclamou a loira nos braços dele. — Falar com um duque dessa forma é muita falta de respeito.

Sophie resistiu ao impulso de arrancar aquele chapéu ridículo da cabeça da mulher e de lhes bater com ele.

— Tem razão. Sou *eu* quem está a faltar ao respeito aqui.

— Sophie... — murmurou Seraphina, e Sophie percebeu a urgência na voz da irmã, na forma como suplicava que se afastasse da cena.

O duque soltou um suspiro longo e sofrido, e separou-se da mulher em questão, baixando-lhe as saias e descendo-a da mesa onde estava empoleirada.

— Vá embora.

— Mas...

— Eu disse para ir!

A mulher percebeu que já era passado e fez o que lhe era ordenado, endireitando as borlas e alisando as saias antes de sair. O duque virou-se, ainda a abotoar o fecho das calças. A duquesa virou-se para o outro lado, mas Sophie não. Pôs-se à frente da irmã, como se pudesse protegê-la do homem horrível com quem se tinha casado.

— Se pensa que nos assusta com a sua má-criação, saiba que não funciona.

— Claro que não — ele arqueou uma sobrancelha. — A vossa família prospera na má-criação.

Aquelas palavras tinham o intuito de ferir... e conseguiram.

A família Talbot era o grande escândalo da aristocracia. O pai de Sophie tinha-se tornado conde recentemente. Recebera o título uma década antes, das mãos do então rei. Embora o pai de Sophie nunca tivesse confirmado o mexerico, o boato era que a fortuna de Jack Talbot — feita com o carvão — é que lhe comprara o título. Uns diziam que o título fora ganho num jogo de cartas; outros diziam que era uma retribuição do rei pelo facto de o conde ter assumido uma dívida especialmente embaraçosa do monarca.

Sophie não sabia e não ligava muito a isso. Afinal, o título do pai não tinha nada que ver com ela, e o mundo aristocrático não era o que ela teria escolhido para si. Na verdade, teria escolhido qualquer mundo, exceto aquele em que as pessoas criticavam e maltratavam as irmãs dela. Levantou o queixo e encarou o cunhado.

— Você parece não se importar de gastar o nosso dinheiro.

— *Sophie* — disse a irmã outra vez, e Sophie percebeu censura no tom de Seraphina.

Sophie encarou-a.

— Não podes estar a querer protegê-lo. É verdade ou não é? Antes de casar contigo ele era completamente pobre. De que vale um ducado em ruínas? Ele devia estar de joelhos para demonstrar gratidão por teres aparecido e teres salvado o nome dele.

— Quer dizer que ela salvou o meu nome? — disse o duque enquanto endireitava uma manga do casaco. — Está muito enganada se pensa que foi isso que aconteceu. Eu dei ao vosso pai cada um dos investidores aristocratas que ele tem. Se ele existe, é graças

à minha boa vontade. E eu gasto o dinheiro com prazer — disse ele com desprezo —, porque estar preso num casamento com essa *prostituta* a que chama irmã é que me transformou em motivo de chacota.

Sophie engoliu o espanto perante o insulto. Ela sabia das histórias sobre o envolvimento de Seraphina com o duque, sabia que a mãe se tinha vangloriado muito quando a filha mais velha se tornara duquesa. Mas isso não justificava aquela afronta.

— Ela carrega o seu filho.

— É o que ela diz — ripostou ele, forçando o caminho por entre as duas e dirigindo-se para a saída da estufa.

— Duvida da gravidez? — Sophie falou para as costas dele, chocada, desviando os olhos arregalados para Seraphina e baixando-os para as mãos da irmã, entrelaçadas sobre a barriga, que crescia a cada dia. Como se ela pudesse evitar que a criança tivesse conhecimento de que o pai era um monstro. E então Sophie percebeu o que ele quis dizer e foi atrás do duque.

— Não pode estar a duvidar de que o filho seja *seu*!

Ele virou-se, o olhar frio e cheio de desdém. Porém, não olhou para Sophie, mas para a sua mulher.

— Eu duvido de cada palavra que sai dos lábios mentirosos dela — disse, virando-se novamente.

Sophie olhou para a irmã: empertigada, altiva e com uma atitude reservada; com uma única lágrima a escorrer-lhe pela face enquanto observava o marido a afastar-se.

Naquele momento Sophie já não suportava aquele mundo de regras, hierarquia e desdém. Aquele mundo em que não tinha nascido. O mundo que não tinha escolhido. O mundo que ela odiava.

Foi atrás do cunhado, querendo apenas vingar a irmã. O duque virou-se uma vez mais, ou por ter ouvido o desespero com que Seraphina chamara a irmã, ou porque o som de uma mulher a correr na sua direção era suficientemente estranho para o surpreender, ou talvez porque, como Sophie não conseguia deixar de dar voz à sua frustração, o som tenha soado alto e quase selvagem dentro da casa de vidro.

Ela empurrou-o com quanta força tinha. Se ele não se estivesse a virar, com o equilíbrio comprometido... Se ela não viesse com grande ímpeto... Se o chão debaixo dos pés dele não estivesse

escorregadio devido ao trabalho dos jardineiros ao início daquele dia... Se a Condessa de Liverpool não gostasse tanto dos seus peixes...

— Sua víbora! — bradou o duque caído no meio do pequeno lago, com os joelhos encolhidos, o cabelo molhado colado à cabeça, os olhos a dardejar, fazendo ameaças que nem precisava de proferir: — Eu vou destruí-la!

Sophie inspirou fundo e — na certeza de que, naquele caso, perdido por cem, perdido por mil — pôs-se à beira do lago, com as mãos na cintura, a fitar o cunhado, normalmente tão imponente. Mas ali sem qualquer imponência. Ela sorriu, incapaz de se conter.

— Eu gostava de o ver tentar.

— *Sophie* — chamou a irmã, e ela percebeu o medo, o arrependimento e a tristeza naquele chamamento.

— Oh, Sera — disse, virando-se a sorrir para a irmã, ignorando os doces tons das imprecações do cunhado. — Diz-me que te divertiste com isto.

Sophie não tinha tido um momento tão agradável desde que chegara a Londres.

— Diverti-me, sim — concordou a irmã em voz baixa. — Mas, infelizmente, não fui a única.

A duquesa indicou algo atrás de Sophie, que se virou com o medo em crescendo e encontrou Londres inteira a observar através da enorme parede de vidro da estufa...



A vergonha veio quase de imediato. Não importava que o cunhado tivesse feito por merecer a roupa molhada, as botas arruinadas e o constrangimento. Não importava que qualquer homem que ostentasse as suas aventuras sexuais diante da mulher grávida e da cunhada solteira fosse o pior tipo de monstro do mundo. Não importava que o escândalo devesse ser total e exclusivamente dele. Os escândalos não se colam a duques.

Às jovens Talbot, contudo, escândalos caem como sopa no mel.

Depois de Jack Talbot se ter tornado Conde de Wight e de toda a sociedade de Londres dirigir a sua atenção e o seu desdém para aquela família rude, sem requinte nem sofisticação aristocrática, os escândalos colavam-se aos Talbots e por ali ficavam. O facto de

a fortuna recém-formada do conde vir do carvão facilitava as piadas — as irmãs eram chamadas «Borrалheiras dos Esses», e Sophie imaginava que os outros deviam considerar o som daquilo muito espirituoso, visto que os nomes delas eram, por ordem, Seraphina, Sesily, Seleste, Seline e Sophie.

Mas Sophie preferia Borrалheiras dos Esses à outra alcunha, menos elogiosa — sussurrado nos salões de baile e de chá e, principalmente, nos clubes de cavalheiros —, sem dúvida. Era uma provocação repetida desde que Seraphina aprisionou o seu duque perfeito com o casamento. O significado era claro; o dinheiro podia ter comprado o condado, a casa em Mayfair, os vestidos lindos — ainda que extravagantes —, os cavalos perfeitos, as carruagens excessivamente douradas, mas nunca conseguiria comprar uma linhagem respeitável, e as raparigas fariam qualquer coisa para se casar com membros dos melhores círculos aristocráticos.

«Irmãs Perigosas» era a segunda alcunha. O rótulo era atribuído às três irmãs mais velhas e solteiras, cada uma delas envolvida num caso de amor extravagante, com pretendentes igualmente extravagantes — esses casos ficavam nos limites do escandaloso e estavam em permanente risco de não se concretizarem.

Sesily era conhecida como a musa de Derek Hawkins, artista reconhecido, proprietário e vedeta do Teatro Hawkins. Não se vangloriava de um título, mas vangloriava-se de todas as outras formas imagináveis, e isso fora o suficiente para conquistar o coração de Sesily — embora Sophie nunca conseguisse entender, ainda que a sua vida dependesse disso, o que é que a irmã e toda a sociedade viam naquele homem insuportável.

Seleste estava num vaivém apaixonado e público — até demais — com o belíssimo e pobre Conde de Clare. Formavam o casal mais dramático que Sophie conseguia imaginar, com discussões nos salões de festas tão frequentes quantas as vezes que caíam nos braços um do outro.

Seline, a segunda mais nova, era cortejada por Mark Landry, proprietário do Haras Landry, concorrente feroz do famoso Tattersall. Landry era rude e espalhafatoso, e não tinha sequer uma gota de sangue azul, mas, se ele casasse com Seline — e Sophie acreditava que isso poderia acontecer —, ela tornar-se-ia, de longe, a mais rica das irmãs.

Os casos românticos atraíam constante interesse e comentários das pessoas, e as jovens Talbot adoravam atenção, dando cada uma o seu melhor para aparecer nos jornais de escândalos — para desconsolo da mãe. As irmãs floresciam sob a censura da sociedade, e cada reprovação das decanas da aristocracia fomentava um comportamento ainda mais afrontoso.

Quer dizer, as irmãs exceto Sophie. Com 21 anos, continuava a ser a filha poupada pelo escândalo. Sophie sempre acreditou que isso se devia à pouca importância que ela dava aos ditames e às opiniões da sociedade, que, de algum modo, parecia compreender isso.

Mas agora que o Duque de Haven estava mergulhado na água do pequeno lago de peixes, com vários pedaços de plantas de água doce presos às suas outrora impecáveis calças, a sociedade já não teria interesse em deixar em paz Sophie Talbot — considerada por todos como a «sossegada» de entre as Irmãs Perigosas.

As faces de Sophie ardiavam enquanto saía da estufa, de cabeça erguida, parando à porta para observar a multidão. Estavam todos ali. Duquesas, marquesas e condessas, encarando-a por trás de leques agitados, os sussurros a ressoar como cigarras no verão, repentinamente enjoativos. Contudo, não foi a reação das mulheres que a chocou — há anos que Sophie testemunhava os mexericos das mulheres e a forma como se alimentavam de escândalos —, foi a reação dos homens.

A experiência ensinou-lhe que os cavalheiros de Londres não ligavam a mexericos — eles deixavam isso para as mulheres e dedicavam-se a outras diversões, mais masculinas. Mas parecia que isso não acontecia quando um deles era maltratado. Os cavalheiros também a encaravam — condes, marqueses e duques —, cada título mais venerável do que o outro. Nos olhos deles, na força daquela multidão, Sophie viu muito mais do que censura. A repugnância costuma ser descrita como fria; nesse dia, estava quente como o sol. Sem pensar, ela ergueu a mão, como se pudesse bloquear o calor daqueles olhares furiosos.

— Sophie! — A mãe veio a correr, de sorriso largo, a voz suficientemente alta para se fazer ouvir por cima da turba de convivas sussurrantes. A condessa usava um vestido escarlate, que teria sido escandaloso por si só, sem precisar do acessório ridículo no mesmo

tom, que se erguia sobre o rosto delicado, apagando a beleza do que lhe tinham garantido ser «a última moda chinesa».

Mas, naquele momento, Lady Wight não estava interessada no seu próprio chapéu. Na verdade, ela fitava a filha mais nova com os olhos carregados do que só podia ser descrito como pânico. As três irmãs de Sophie seguiam-na como patinhos extravagantes.

— Sophie! — voltou a exclamar a condessa. — Que cena que a menina fez!

— Poderiam pensar que eras uma de nós — disse Sesily, secamente, com o impressionante decote a ameaçar rebentar as costuras do seu vestido escandaloso: excessivamente justo e quase de mau gosto. É claro que Sesily tinha a atitude necessária para vestir uma coisa assim e ainda ser a tentação encarnada. — Tive a impressão de que o Haven te quis matar.

Eu vou destruí-la.

— Eu acho que ele me teria matado se não estivéssemos à frente de todos — disse Sophie.

— *Infelizmente* à frente de todos — sussurrou a mãe.

— E se não estivesse tão molhado — disse Sesily, arqueando uma sobrancelha e tirando um cisco invisível do seio.

— Não precisas de apontar para os seios, Sesily. Também temos — disse Seleste, fria, por trás de um véu de fios de ouro que lhe pendia sobre o rosto e o pescoço, de um chapéu parecido com uma coroa.

Seline soltou um risinho.

— Meninas! — sibilou a condessa.

— Foi mesmo magnífico, Sophie! — exclamou Seline. — Quem diria que *serias* capaz disto?

— O que é que queres dizer? — Sophie lançou um olhar severo à irmã.

— Este não é o momento, meninas — interveio a mãe. — Vocês não veem que esta cena nos pode arruinar?

— Que tolice — disse Sesily. — Quantas ameaças de ruína teremos de enfrentar até a mãe perceber que nós somos como gatos?

— Até os gatos têm um limite de vidas. Temos de consertar o estrago. Imediatamente! — proclamou a Condessa de Wight antes de se lembrar de onde estavam, à frente de toda a sociedade de Londres. Então, exclamou alto o suficiente para que todos ouvissem: — Todas vimos o que aconteceu a Sua Pobre Graça!

— *Pobre?* — Sophie congelou, surpresa com a declaração da mãe.

— Mas é claro! — ainda que parecesse impossível, a voz da condessa tornou-se ainda mais aguda.

Sophie pestanejou, desconcertada.

— É melhor concordares com a encenação — proferiu Seline, tranquila, enquanto todos rodeavam Sophie como famintas hienas douradas, agitando os seus leques e balançando as borlas. — Ou a mãe vai enlouquecer com medo do exílio.

— Eu não me preocuparia com isso — disse Seleste. — Eles nunca nos exilariam, realmente. Na verdade, mal conseguem acompanhar o nosso ritmo.

— Isso mesmo — concordou Sesily. — Eles adoram as nossas cenas ridículas. O que fariam para se entreter se não nos tivessem a nós?

Não era mentira.

— E nós vamos elevar-nos acima de todos. Vejam o exemplo da Seraphina.

— Só que a Seraphina está casada com um verdadeiro imbecil — observou Sophie.

— Sophie! Tenha modos! — A mãe parecia que ia desmaiar de pânico.

Mas as irmãs aquiesceram.

— Não precisamos de exagerar *tanto* — comentou Sesily.

— É claro que ele escorregou e caiu no lago! — gritou a condessa, desesperada, arregalando tanto aqueles grandes olhos azuis que Sophie se perguntou se não lhe saltariam das órbitas. Surgiu-lhe uma imagem na mente: a mãe a tatear a relva perfeitamente aparada à procura dos globos oculares, enquanto aquele chapéu estranho caía, incapaz de sustentar o próprio peso. *Que cena!* Foi a sua vez de soltar uma risadinha. — Sophie! — sibilou a condessa entredentes. — Não ouse!

A risadinha transformou-se num sopro. A Condessa de Wight continuou a encenação, com a mão no peito.

— Pobre, pobre Haven!

Era o máximo que Sophie podia aguentar. A risada não surgiu, porque foi sufocada pela raiva. A sua família já não era a mesma desde que recebera o título, que transformou a mãe em condessa

e as irmãs, já extraordinariamente ricas, em aristocratas extraordinariamente ricas, o que não deixava à sociedade alternativa senão recebê-las. E, de repente, as irmãs e a mãe de Sophie, que ela pensava nunca se terem importado com questões de nome e dinheiro, mostravam que se importavam muito.

Elas nunca tinham percebido a verdade — que as irmãs Talbot poderiam casar-se com príncipes da família real e que, mesmo assim, não seriam bem-vindas na sociedade. A aristocracia tolerava a presença delas porque não podia arriscar perder a inteligência do novo conde, ou os fundos que vinham com cada uma das suas filhas. O casamento era, afinal, o negócio mais lucrativo de Inglaterra.

A família de Sophie sabia disso melhor do que ninguém. E elas adoravam o jogo, as suas maquinações. Mas Sophie não queria saber disso. Nunca quisera. Durante a sua primeira década de existência, viveu o idílio que vinha com o dinheiro sem título. Brincava nas colinas verdes de Mossband. Aprendeu a fazer pastéis com a avó, na cozinha da casa de família dos Talbots, porque eram o prato favorito do pai. Ia a cavalo até à cidade comprar carne ao talho e queijo ao queijeiro. Nunca sonhara com um marido que tivesse um título de nobreza. Sophie planeara ter um futuro sossegado, seguro, em que se casava com o filho do padeiro.

E, então, o pai tornou-se conde. E tudo mudou. Há dez anos que não ia a Mossband, desde que a mãe tinha fechado a casa e estabelecido residência em Mayfair. A avó morreu menos de um ano depois de a família se ter mudado. Os pastéis eram considerados demasiado comuns para condes. O homem do talho e o queijeiro entregavam agora os produtos pela entrada de serviço da impressionante mansão em Mayfair. E o filho do padeiro... era uma lembrança distante e nebulosa. Mais ninguém na família parecia ter problemas em ajustar-se àquele mundo que Sophie nunca quis. Que ela nunca pediu... Ninguém da família parecia importar-se com o facto de Sophie detestar tudo aquilo.

E foi assim, ali, nos jardins da mansão dos Liverpool, com toda a sociedade de Londres a observar, que Sophie se cansou de fingir que era uma dessas pessoas. Que o seu lugar era entre elas. Que precisava de ser aceite. Afinal, ela tinha dinheiro. E pernas para ir para onde quisesse.

Sophie olhou para as irmãs — cada uma lindamente enfeitada, certas de que um dia ditariam as regras daquele mundo — e soube que nunca seria uma delas. Ela jamais se divertiria com escândalos. Jamais quereria aquele mundo e as suas aparências. Então, porquê respeitá-lo? A sociedade não iria abrir-lhe as portas e acolhê-la depois do que acontecera naquele dia; então, porque não aproveitar o escândalo e dizer a verdade, para variar?

Quem anda à chuva molha-se, costumava dizer o pai.

— Mas é claro — disse Sophie virando-se para as pessoas ali reunidas. — É uma pena que Sua Senhoria, coitado, tenha desagradado tanto a nossa irmã que eu não tenha tido escolha senão armarme em heroína e vingar a honra dela, já que nenhum dos ditos cavalheiros estaria disposto a fazê-lo — continuou, em voz suficientemente alta para toda a sociedade londrina ouvir. — Coitado, mesmo, porque foi criado num mundo que se engana a si mesmo e a ele próprio, levando-o a pensar que um título é suficiente para que seja considerado algo minimamente parecido com um cavaleiro, quando ele, bem como a maioria dos seus pares, para ser honesta, não passa de um canalha. Ou algo muito pior.

— Sophie! Uma *lady* não diz essas coisas! — A mãe estava de olhos arregalados.

Quantas vezes tinha ela sido repreendida por não ter o comportamento de uma *lady*? Quantas vezes tentaram moldá-la à imagem perfeita desse mundo aristocrático que nunca a aceitaria? Que nunca aceitaria nenhuma delas se não precisasse do seu dinheiro?

— Eu não me preocuparia com isso — respondeu ela à frente de todos. — Eles não nos consideram *ladies*, mesmo.

— Sophie — balbuciou Seline, incrédula e sem qualquer respeito.

— Ora... Isso não era necessário — comentou Sesily.

As irmãs de Sophie ficaram sem reação. A condessa baixou a voz para um sussurro quase inaudível.

— O que é que eu lhe disse sobre ter opiniões? Vai acabar arruinada! E vai arrastar as suas irmãs consigo! Não faça nada de que se venha a lamentar!

Sophie não baixou a voz quando respondeu.

— Apenas lamento o facto de o lago não ser mais fundo. E cheio de tubarões.

Sophie não sabia o que devia esperar depois daquele momento. Exclamações de incredulidade, talvez. Ou sussurros. Ou gritos esgançados das *ladies*. Ou pigarros masculinos de reprovação. Ela bem gostaria de ter provocado um ou dois desmaios.

Só não esperava o silêncio. Não esperava o desinteresse frio, nem que todos os que estavam reunidos no jardim simplesmente lhe voltassem costas e recomeçassem a festa, como se ela nunca tivesse dito nada. Como se não estivesse ali. Como se nunca tivesse estado.

Assim, também para ela foi mais fácil virar-se e ir-se embora.

Capítulo 2



EVERSLEY ESCAPA; A FUGA ILÍCITA ENFURECE O CONDE

Junho de 1833

Sophie rapidamente percebeu que era um problema virar as costas à aristocracia numa festa ao ar livre, à frente de toda a sociedade. Deixando de lado o óbvio — ou seja, a ruína —, havia uma preocupação muito mais imediata. Depois de alguém rejeitar com tanta veemência os participantes da festa, esse alguém não poderia permanecer na festa. De facto, esse alguém precisava de voltar para casa pelos seus próprios meios, pois, verdade seja dita, esconder-se na carruagem da família diminuiria a força da sua retirada.

Para mais, Sophie não tinha a certeza de que a mãe não cometeria um filicídio se a encontrasse na carruagem da família. Portanto, ela precisava de um plano de fuga que não envolvesse os Talbots. Pelo menos até estar pronta para se desculpar. Se é que algum dia estaria pronta para o fazer.

Sophie odiava aquele mundo, aquelas pessoas e as suas referências mordazes à má-criação dos Talbots, ao dinheiro dos Talbots, ao título comprado pelo pai, ao título supostamente roubado pela irmã. Ela odiava cada um daqueles rostos presunçosos, o modo como desdenhavam da sua família e da maneira como viviam. O modo como aquelas pessoas viviam as suas vidas, como se o mundo girasse em torno delas. Sophie odiava-as um pouco mais ainda do que odiava o facto de a sua família parecer não se importar com isso. Na verdade, a família deliciava-se com tudo aquilo.

Não, ela não estava pronta para pedir desculpa por dizer a verdade. E não estava pronta para a alegre defesa da aristocracia que surgia sempre que ela referia as preocupações com as irmãs. Por tudo

isso, Sophie não estava escondida na carruagem da família, mas num canto distante da mansão dos Liverpool, a refletir sobre o seu próximo passo, quando quase foi atingida na cabeça por uma grande bota preta.

Ergueu o rosto a tempo de evitar o segundo projétil de couro, e observou com surpresa, e alguma admiração, que um sobretudo cinzento-escuro e uma longa gravata de linho seguiram as botas através de uma janela no segundo andar, ficando a gravata presa na roseira que trepava pela treliça lateral da casa. Tudo isto antes de aparecer um homem.

Sophie arregalou os olhos quando uma perna comprida, com calças, saiu pela janela, e um pé apenas com meia procurou apoio na treliça antes de surgir o resto do homem, com uma camisa de algodão vestida. Ele montou o parapeito como se fosse um cavalo, e Sophie viu-se a observar uma coxa impressionante encimada pela força curva de alguma coisa que, embora também fosse impressionante, ela sabia que não deveria estar a observar.

Para ser honesta, contudo, quando um homem descia por uma treliça de flores dois andares acima da sua cabeça, era melhor observar. Para sua própria segurança. Não tinha culpa de que a parte do corpo dele que agora fitava fosse imprópria para observação.

Foi então que outra perna, igualmente torneada, passou pelo parapeito, e o homem começou a descer pela treliça como se fosse muito hábil nisso. Considerando a aparência dele, Sophie imaginou que não seria a primeira vez que ele descia por uma treliça de flores. Chegou ao chão, parando à frente dela, mas de costas para Sophie, e baixou-se para apanhar as peças de roupa que lançara quando a cabeça de um segundo homem apareceu naquela mesma janela. Sophie arregalou ainda mais os olhos quando viu o Conde de Newsom.

— Seu sacana, maldito! Vou matar-te!

— Não vai nada, e sabe bem disso — disse o homem à frente dela, revelando ter uma altura impressionante quando se endireitou, com a roupa e uma bota na mão, esticando-se para tirar a gravata da treliça. — Mas acredito que precise de o dizer, mesmo assim.

O homem que estava no andar de cima vociferou palavras incompreensíveis antes de desaparecer.

— Cobarde — murmurou o agora companheiro de Sophie, abandonando a cabeça e dirigindo a sua atenção para o chão, à procura do par da bota. Mas ela foi mais rápida e baixou-se para apanhar a bota hessiana caída aos seus pés. Quando se endireitou, encontrou-o virado para ela, com uma expressão que denotava curiosidade e divertimento. Ela inspirou fundo. É claro que o homem acabado de fugir dos aposentos íntimos da mansão dos Liverpool tinha de ser o Marquês de Eversley. Parece que não lhe chamavam *Canalha Real* sem motivo.

— É você — disse ela apenas. Mais tarde atribuiria a sua falta de palavras à turbulência emocional daquele dia.

— Eu mesmo — foi a resposta dele, acompanhada de um sorriso largo e de uma reverência exagerada, que ela atribuiu à sua evidente e conhecida arrogância.

Ela apertou a bota do marquês junto ao peito.

— O que é que fez — inquiriu, apontando com o queixo para o segundo andar da casa — para merecer a defenestração?

— Para merecer *o quê?* — perguntou ele de sobranceiras levantadas.

— Defenestração — respondeu Sophie, suspirando. — O arremesso de alguma coisa pela janela.

Ele começou a fazer o laço da gravata com habilidade, as longas tiras de tecido a moverem-se para a frente e para trás. Por um momento, ela distraiu-se com o facto de ele parecer não necessitar de criado nem de espelho. Finalmente, ele falou.

— Em primeiro lugar, eu não fui arremessado. Saí por vontade própria. Em segundo, qualquer mulher que use uma palavra como *defenestração* é, com certeza, suficientemente inteligente para adivinhar o que eu estava a fazer antes de sair pela janela.

Ele era tudo o que diziam sobre ele. Escandaloso. Perverso. Um perfeito canalha. Tudo o que a sociedade rejeitava — ao mesmo tempo que louvava; tal como o seu próprio cunhado e muitos outros homens e mulheres da aristocracia britânica. Um belo exemplo do que havia de pior naquele mundo em que ele nascera. E para o qual ela tinha sido arrastada. Sophie odiou-o no mesmo instante.

Ele estendeu a mão para a bota. Ela recuou um passo, saindo do alcance dele.

— Então é verdade o que os jornais de escândalos dizem de si.

Ele inclinou a cabeça.

— Eu esforço-me bastante para não ler os jornais de escândalos, mas posso garantir-lhe que, o que quer que escrevam a meu respeito, não é verdade.

— Eles dizem que se diverte a arruinar casamentos.

O marquês ajeitou as mangas.

— Falso. Não toco em mulheres casadas.

Nesse momento, a cabeça ornamentada de uma mulher apareceu na janela acima.

— Ele está a descer! — gritou a mulher.

O alerta de que o oponente vinha confrontá-lo pôs o marquês em movimento.

— Esta é minha deixa — disse ele, estendendo uma mão para Sophie. — A conversa está muito agradável, minha senhora, mas eu preciso da minha bota.

Sophie apertou ainda mais a bota contra o peito enquanto olhava para a mulher à janela.

— Ela é Marcella Latham.

A noiva do Conde de Newsom — agora ex-noiva, Sophie podia apostar — acenou alegremente.

— Obrigada, Eversley!

Ele virou-se para ela e piscou-lhe o olho.

— O prazer foi meu, querida. Divirta-se.

— Importa-se que eu conte às minhas amigas? — perguntou Marcella.

— Aguardo notícias delas — respondeu ele.

Lady Marcella desapareceu da janela.

Sophie pensou que aquela tinha sido uma experiência bastante bizarra e... amigável... para duas pessoas apanhadas em flagrante numa situação que comprometia o futuro marido rico e nobre da mulher.

— Minha senhora — insistiu o Marquês de Eversley.

— Acabou com o casamento deles — enfrentou-o Sophie.

— O noivado, na verdade — disse, estendendo a mão. — Eu preciso da minha bota, minha querida. Por favor.

— Então, só toca em mulheres *noivas* — disse, ignorando o gesto dele.

— Isso mesmo.

— Grande diferença! — Não haveria um único membro da aristocracia que valesse a pena conhecer? — O senhor é um canalha.

— Ouvi dizer.

— Um patife.

— É o que afirmam por aí — disse ele, observando com atenção por cima do ombro dela.

— Inescrupuloso de todas as formas.

Uma ideia começou desde logo a ganhar forma na mente de Sophie. O Marquês de Eversley concentrou-se nela, parecendo reparar em Sophie pela primeira vez.

— Está a agir como se estivesse frente a frente com um inseto gigante — disse ele, arqueando as sobrancelhas.

Ela percebeu que estava com o nariz franzido. E fez um esforço consciente para o desfranzir.

— Desculpe-me — mentiu ela.

— Não foi nada.

E ali, enquanto o observava, vestido com o seu melhor traje de verão, sem uma bota, Sophie percebeu que, repugnante ou não, naquele momento o marquês era exatamente o que ela precisava. Sophie podia aguentá-lo por 45 minutos até chegar a casa.

— Vai ter de desaparecer daqui bem depressa se não quiser um confronto com o Lorde Newsom.

— Fico feliz que perceba isso. Agora, se me der minha bota, eu posso apressar-me. — Ele voltou a estender a mão para o calçado. Ela deu mais um passo atrás, mantendo-se fora de alcance. — Minha senhora — insistiu ele com firmeza.

— Parece que está numa posição especial. — Sophie fez uma pausa. — Ou, melhor, *eu* é que estou numa posição especial.

— E que posição é essa? — perguntou ele, fixando nela o olhar.

— A posição de negociar.

Ele era o meio de transporte dela para casa. Um grito ecoou do outro canto da casa, e o marquês olhou para trás de Sophie, onde o inimigo, sem dúvida, apareceria. Ela aproveitou a oportunidade para escapar, de bota na mão, em direção às traseiras da casa, onde uma fileira de árvores e arbustos escondia um muro baixo de pedra, depois do qual uma fila de carruagens esperava os respetivos donos para os levar a casa depois da festa.

Ele seguiu-a. Não tinha escolha. Afinal, ela tinha a bota dele. E ele tinha uma carruagem. Era uma transação ideal. Uma vez escondidos pelas árvores, ela virou-se para ele.

— Tenho uma proposta para lhe fazer, Lorde Eversley.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Receio já ter tido a minha quota de propostas por hoje, Lady Sophie. E até eu sei que é melhor não começar publicamente um caso com uma das Irmãs Perigosas.

Eversley sabia quem ela era. Sophie corou ao ouvir aquilo; raiva e constrangimento debateram-se nas suas faces. A raiva acabou por ganhar.

— Tem noção de que, se fosse *mulher*, teria sido expulso da sociedade há muitos anos?

— Ah, mas eu não sou mulher — disse, encolhendo um ombro. — E agradeço a Deus por isso.

— Pois, bem, algumas de nós não têm a mesma sorte. Algumas de nós não têm a *sua* liberdade.

— Não sabe nada sobre liberdade — afirmou, encarando-a e ficando subitamente muito sério, mas ela não recuou.

— Eu percebo mais sobre isso do que o senhor algum dia seria capaz de perceber. E eu sei que, sem liberdade, posso ter de recorrer a... — não encontrava a palavra.

— Algo depravado? — sugeriu ele, perdendo novamente o tom sério, com uma rapidez que quase fez Sophie parar para considerar a sugestão.

— Não existe nada de depravado no que eu ia dizer.

— Nós estamos juntos num local escondido, minha senhora. Se pretende que este encontro termine tal como o encontro da sua irmã com o antigo namorado, e hoje marido, é bastante depravado, sim.

De todas as coisas irritantes que aquele homem podia dizer... Ela bateu o pé na vegetação espessa que cobria o solo.

— Estou realmente farta de ouvir como o pobre e injustiçado Haven caiu na armadilha da minha irmã e teve de se casar.

— Ele não tencionava assinar um contrato de casamento — disse Eversley.

— Então não deveria ter colocado a pena no tinteiro dela! — exclamou Sophie.

Quando ele riu, Sophie mudou de ideias quanto a ele ser irritante. *O homem era horroroso!*

— Acha engraçado?

— Desculpe-me — disse ele, apertando a mão contra o peito à medida que a risada se tornava uma gargalhada. — *Colocou a pena no tinteiro dela!*

— É uma figura de estilo — rematou Sophie, e fez uma careta.

— Mas acredite que foi incrivelmente perfeita. Eu garanto que, se percebesse o duplo sentido da sua frase, também acharia o mesmo.

— Duvido muito — retrucou Sophie.

— Ah, para o seu bem, espero ter razão. Detestaria pensar que a senhora não é divertida.

— Eu sou muito divertida! — exclamou Sophie.

— A sério? Você é Sophie, a mais nova das irmãs Talbot, não é?

— Sou.

— *A desdivertida.*

Ela recuou ao ouvir aquilo. Era isso que as pessoas diziam dela? Sophie odiou o sentimento de tristeza que sentiu ao ouvir a declaração. A hesitação. A leve palpitação de medo de que ele pudesse estar certo.

— *Desdivertida* nem sequer é uma palavra.

— Até há cinco minutos, *defenestração* também não era.

— É claro que era! — exclamou ela.

— Se o diz... — disse ele, balouçando-se sobre os calcanhares.

— É uma palavra! — declarou ela, imperiosa, antes de perceber o brilho de provocação nos olhos dele. — Ah, percebi.

Ele abriu os braços, como se tivesse provado o que dizia.

— *Desdivertida.*

— Eu sou muito divertida — disse sem convicção.

— Eu acho que não — discordou ele, provocador. — Olhe só para si. Não há um único pormenor oriental.

— É um tema ridículo para uma festa ao ar livre com pessoas sem o menor conhecimento ou interesse pelo que quer que seja da China — rebateu ela, fazendo má cara.

— Cuidado. Lady Liverpool pode ouvi-la — alertou-a ele, forçando um sorriso.

Sophie endireitou os ombros.

— Lady Liverpool está vestida de *peixe japonês*, por isso, acho que não se vai importar com o que eu digo.

— Isso é um gracejo, Lady Sophie? — perguntou o marquês, arqueando as sobrancelhas.

— É uma observação.

— Então... *Desdivertida*, pronto — constatou ele, abanando a cabeça.

— Bem, e eu acho que o senhor é *desagradável*. O que é uma palavra.

— É a primeira mulher a pensar assim.

— De certeza que não sou a primeira mulher de mente sã que encontra.

Ele riu. O som era caloroso e... estranhamente convidativo. Agradável. Um som de aprovação. Sophie afastou o pensamento. Ela não se importava se ele a aprovava ou não. Nem se importava com o que ele pensava dela. Ou com o que o resto do mundo tolo, horrível e insípido em que ele vivia pensava dela. Na verdade, se toda a sociedade a considerava *desdivertida* — ela fez um esgar mental à palavra —, porque haveria de se importar? Aquele homem era só um meio para alcançar um fim.

— Para mim chega — disse ela, retomando o controlo da situação. Sophie tinha observado muito o pai, ao longo da vida, a negociar e sabia quando era hora de falar com franqueza e de fechar o negócio. — Está a ir-se embora da festa, certo?

A pergunta surpreendeu Eversley.

— Na verdade, estou, sim.

— Leve-me consigo.

Ele soltou uma expressão de espanto.

— Hã? Não!

— Porque não?

— Tantas razões, minha querida. Uma de relativa importância é que não tenho intenção de deixar que uma das *Borrалheiras dos Esses* me ponha o arreoio.

Ela congelou ao ouvir a alcunha. A maioria das pessoas não dizia isso à frente delas. Sophie imaginou que não podia esperar melhor daquele homem perverso.

— Não tenho intenção de prendê-lo, Lorde Eversley. Posso garantir que, se tivesse essa ideia, esta interação — ela gesticulou com

a mão entre eles, apontando para os dois — ter-me-ia curado desse mal. — Sophie inspirou fundo. — Eu preciso de fugir. Deve perceber disso, pois parece que precisa de fazer o mesmo.

— O que é que aconteceu? — perguntou Eversley, concentrando-se nela.

Ela virou o rosto para o lado ao lembrar os olhares frios da sociedade. A expressão de desprezo.

— Não é importante.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Se está na floresta comigo, querida, eu diria que é *muito* importante.

— Isto é uma fileira de árvores. Não é uma *floresta*.

— Está a ser muito hostil para alguém que precisa de mim.

— Eu não preciso de si — afirmou Sophie.

— Então dê-me a minha bota e eu vou-me embora.

Ela agarrou na bota com mais força.

— Eu preciso da sua *carruagem*. É uma coisa muito diferente.

— A minha carruagem vai partir numa outra missão.

— Eu só preciso de transporte até casa.

— Não tem quatro irmãs, uma mãe e um pai? Vá com eles.

— Não posso.

— Porque não.

Orgulho. Bom, ela não lhe ia contar *aquilo*.

— Vai ter de confiar em mim.

— Mais uma vez, tenho de lhe lembrar que as mulheres da sua família não têm reputações que inspirem confiança.

Ela não deixou passar o comentário.

— Oh, e o senhor é o retrato da decência!

— Eu não nego decência, meu amor — respondeu, sorrindo.

Ela começava a detestar aquele homem.

— Ótimo — aquiesceu Sophie. — Não me deixa alternativa. Vou ter de recorrer a medidas extremas — ameaçou ela, e ele arqueou as sobrancelhas. — Leve-me consigo, ou vai perder a sua bota.

O marquês observou-a por um longo momento, e ela desejou conseguir ficar impassível sob aquele escrutínio. Tentou convencer-se a não reparar nos lindos olhos verdes dele, na linha comprida e reta do seu nariz aristocrático; na atraente curva dos lábios dele. Não devia prestar atenção aos lábios dele... Sophie engoliu em seco ao

pensar, e o olhar dele voou para o lugar onde a garganta dela revelou movimento. Ele torceu os lábios.

— Fique com a bota.

Sophie precisou de um instante para se lembrar do que estavam a dizer e, antes de conseguir pensar numa resposta, já ele tinha passado as árvores e o muro baixo, encaminhando-se para a carruagem com um pé descalço.

Quando ela chegou ao muro, ele estava diante de uma carruagem grande e preta, de aparência elegante, a mexer nos cavalos. Sophie observou-o durante longos momentos, desejando que ele pisasse alguma coisa desconfortável. Mas ele parecia estar apenas a verificar os cavalos, os arreios e as correias, embora isso fosse uma tolice, pois o marquês teria, certamente, um estábulo cheio de cavaleiros para fazer essas tarefas.

Depois de inspecionar cada um dos seis cavalos, entrou na carruagem, e Sophie viu um jovem criado fardado fechar a porta e correr à frente para abrir caminho para a carruagem por entre todos os veículos estacionados.

Ela suspirou. O Marquês de Eversley não fazia ideia de como era abençoado pela liberdade que vinha com o dinheiro e com a masculinidade. Imaginou-o já refastelado no assento daquela carruagem luxuosa — o retrato da aristocracia indolente — a pensar numa sesta para se recompor do exercício que tinha feito naquela tarde. Preguiçoso e imóvel. Sophie não tinha dúvida de que ele já se tinha esquecido dela. Não acreditava que ele perdesse muito tempo a lembrar-se de muita gente — não fazia sentido com o constante fluxo de mulheres na vida dele. Duvidava até que ele se lembrasse dos criados.

Sophie observou o criado, que parecia não ter idade suficiente para ser criado. Parecia mais um pajem. O rapaz ficou à margem do fluxo de carruagens, observando os motoristas a voltarem lentamente aos seus lugares para fazer as manobras necessárias e dar passagem a Eversley.

A bolsa de Sophie pesou-lhe no braço, pelo dinheiro que tinha dentro. *Nunca saia de casa sem dinheiro suficiente para ganhar uma briga.* As palavras do pai foram incutidas na cabeça de todas as irmãs Talbot — não que as mulheres aristocráticas precisassem frequentemente de recursos para escapar de lutas. Mas Sophie não

era tola e sabia que a sua recente interação com a sociedade era a coisa mais próxima de uma luta que experimentaria. Não duvidava que o pai diria que os fundos que tinha na bolsa seriam bem gastos numa fuga. Decisão tomada, aproximou-se do criado.

— Com licença, senhor?

O criado virou-se e ficou naturalmente surpreso ao ver diante de si uma jovem senhora a segurar a bota de um cavalheiro. Foi rápido a fazer uma vénia.

— M... minha senhora?

Ele era tão novo quanto ela supusera. Mais novo do que ela própria. Sophie fez uma breve oração ao Criador.

— Quanto tempo demora até a carruagem estar pronta para partir? — perguntou num tom que pareceria casual, esperava ela. O rapaz pareceu satisfeito por ser uma pergunta a que poderia responder.

— Não mais de 15 minutos, minha senhora.

Ela tinha que agir rápido, então.

— E diga-me — continuou ela —, trabalha para o marquês?

— Hoje — confirmou o criado, baixando o olhar para a bota nas mãos dela.

Ela escondeu-a atrás das costas, sem conseguir disfarçar a surpresa na sua voz.

— Só hoje?

O rapaz assentiu com a cabeça.

— Estou de partida para um novo emprego. No Norte.

Uma sombra atravessou o rosto dele — tristeza, talvez. Arrependimento? Uma ideia começou a formar-se na cabeça de Sophie antes de ela poder considerá-la de todos os ângulos.

— Mas gostaria de permanecer em Londres?

O rapaz pareceu dar-se conta de que não deveria estar a conversar com uma aristocrata.

— Fico feliz por servir o marquês da forma que ele precisar, minha senhora — e baixou a cabeça.

Ela abanou a cabeça. Os criados menos importantes eram enviados de uma propriedade para outra com uma regularidade desalentadora. Ela não duvidava que Eversley nem pensasse duas vezes no facto de os seus empregados não gostarem dessas transferências feitas a bel-prazer do patrão. Ele não parecia ser o tipo

de pessoa que pensa nos outros. E foi assim que Sophie não sentiu qualquer culpa quando pôs em ação o seu plano.

— Gostaria de servir um conde?

— Minha senhora? — Os olhos arregalados do rapaz procuraram os de Sophie.

— O meu pai é o Conde de Wight.

O jovem pestanejou, surpreso.

— Aqui. Em Londres.

O rapaz parecia confuso com a oferta e, para ser honesta, aquilo não a surpreendeu. Imaginou que os pajens não recebessem todos os dias ofertas de emprego em festas ao ar livre.

— O meu pai começou a vida nas minas de carvão — prosseguiu ela. — Como o pai dele, e o avô também. Ele não é um aristocrata comum. — Na realidade, nada comum mesmo. Sophie dizia a verdade. — Ele paga muito bem aos criados. Vai-lhe pagar o dobro do que o marquês lhe paga. — Ela fez uma pausa e aumentou a oferta. — Mais do que isso.

O rapaz inclinou a cabeça, ainda indeciso.

— E vai poder continuar em Londres — acrescentou Sophie.

— Porquê eu? — quis saber ele, franzindo a testa.

— Como é que se chama? — perguntou ela a sorrir.

— Matthew, minha senhora.

— Bem, Matthew, parece que a sua estrela da sorte hoje brilhou, não é?

O rapaz continuou cético, mas Sophie percebeu que a oferta estava a ser ponderada quando ele olhou sobre o ombro para a caruagem do Marquês de Eversley.

— Minha senhora, disse o *dobro*? — perguntou ele.

Ela confirmou.

— Ouvi dizer que os aposentos dos criados na mansão dos Wight são os melhores de Londres — prosseguiu Matthew, e Sophie soube que o tinha conquistado.

Ela inclinou-se para a frente.

— Vai poder ver por si. Esta noite.

Ele semicerrou os olhos.

— Venha hoje mesmo — disse Sophie —, depois de terminar a festa. Peça para falar com o Sr. Grimes, o secretário do meu pai. Diga-lhe que eu o enviei. Intercederei por si. — Ela enfiou a mão

na bolsa e tirou um lápis e um pedaço de papel, no qual escreveu o endereço da casa da sua família, em Mayfair, e uma nota para garantir a entrada do rapaz. Depois, levou de novo a mão à bolsa, de onde tirou duas moedas. Entregando-lhe as moedas e a carta, acrescentou: — São duas coroas.

— Isso é a guita de um mês de trabalho! — exclamou o rapaz, boquiaberto.

Sophie ignorou a referência popular ao dinheiro. Afinal, ela estava a contar com aquele nível.

— E o meu pai vai pagar mais do que isso. Prometo. — Ele apertou os lábios. — Não acredita em mim — disse ela.

— E devo acreditar numa rapariga?

Ela ignorou o insulto que as palavras carregavam e susteve o olhar dele.

— Quanto seria preciso para acreditar em mim?

Ele franziu o sobrolho e disse, mais em forma de pergunta do que de afirmação:

— Uma libra?

Era uma quantia enorme, mas, melhor do que ninguém, Sophie compreendia o poder do dinheiro e das coisas que ele podia comprar — confiança, inclusivamente. Voltou a enfiar a mão na bolsa e extraiu o resto do dinheiro que trazia. Não hesitou e pagou ao rapaz. Sabia que voltaria a ter dinheiro quando chegasse a casa. O rapaz fechou a mão sobre as moedas, e Sophie soube que o tinha conquistado.

— Há só mais uma coisa — disse ela devagar, sentindo um pouco de culpa.

O mais novo e leal criado do seu pai não hesitou.

— Qualquer coisa de que precise, minha senhora.

— Qualquer coisa? — repetiu ela, deixando transparecer a esperança na voz.

— Qualquer coisa — confirmou o pajem.

Sophie inspirou fundo, sabendo que, assim que pusesse o seu plano em ação, seria impossível voltar atrás. Sabendo ainda que, se fosse apanhada, estaria completamente arruinada.

Ela olhou para trás, a mansão dos Liverpool agigantando-se como os portões do inferno acima das árvores. Frustração, tristeza e raiva debatiam-se dentro dela enquanto se lembrava dos jardins, da festa,

da estufa e do porco do seu cunhado. Da forma como toda a sociedade de Londres tinha ficado do lado dele e contra ela. Do modo como a tinham ignorado, como a tinham feito sentir-se envergonhada.

Sophie tinha de se ir embora daquele sítio. Naquele instante. Antes que todos percebessem quanto a vergonha a magoava.

E só havia uma maneira de o fazer. Virou-se para Matthew.

— Eu preciso da sua farda.

«Cativante. Os leitores ficarão encantados pela ligação emocional entre os amantes. Humor, ação, segredos e amor: este livro tem tudo.»

Publishers Weekly



Sophie Talbot é uma jovem nobre que sempre abominou a vida aristocrática. Quando encontra o cunhado a traír a irmã, humilha-o perante toda a sociedade, tornando-se alvo de chacota. A sua única hipótese é fugir, para recomeçar a vida longe daquele mundo que sempre odiou.

Ao fugir, o seu destino cruza-se com o do Marquês de Eversley, mais conhecido por Rei, um homem que tem fama de dissolver noivados e arruinar as damas da sociedade. Apesar de não se suportarem, decidem fazer um acordo. Rei arruinará a imagem de Sophie para que ela se torne inadequada para casar e, dessa forma, possa viver a vida com que sempre sonhou. Já Sophie fingirá ser noiva de Rei, para o ajudar a vingar-se do pai, com quem ele se desentendeu.

Iniciam assim uma viagem até ao castelo do pai de Rei. Só que na carruagem onde seguem há recantos apertados e tentações incontroláveis. E uma viagem que se anunciava aborrecida torna-se tudo menos isso.



APAIXONE-SE PELOS OUTROS ROMANCES DA AUTORA:



<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8869-91-3  9 789898 869913 Ficção Romântica</p>
--	--